

Para Diniz, recessão continua

por Jane Filipon
de Porto Alegre

O crescimento de 8% nas vendas do comércio no mês de março não significa uma retomada no nível do desenvolvimento econômico do País, na opinião do diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar e membro do Conselho Monetário Nacional, Abílio Diniz. "Foi uma surpresa muito agradável, mas infelizmente não indica retomada no desenvolvimento, porque ainda temos uma grande defasagem", declarou Diniz a este jornal, logo depois de participar de um encontro com jornalistas, promovido pela Associação dos Jornalistas de Economia do Rio Grande do Sul (Ajoergs). O empresário lembrou que no ano de 1981 o comércio experimentou um decréscimo de 15%, no ano passado, um crescimento de 4% e no primeiro bimestre de 1983, crescimento zero. "Diante desta performance, ainda estamos recobrando fôlego perdido." As projeções de Diniz são de que em abril as taxas de crescimento não serão tão elevadas quanto as de março.

Diniz mostrou-se surpreso com a divulgação, pela imprensa, dos dados sobre o desempenho da indústria e comércio discutidos na terça-feira durante reunião do Conselho Superior de Economia da FIESP. "Os números foram divulgados sem o conhecimento da presidência. Não há mal nenhum em serem conhecidos, apenas estranhei um pouco."

A receita de Diniz para o País diminuir a recessão é a mesma do ex-ministro Mário Henrique Simonsen: recorrer aos credores privados estrangeiros e ao Fundo Monetário Internacional para uma renegociação da dívida externa. "Mas não apenas tratar da dívida principal, como também dos juros e amor-

tizações, de forma que se possa criar mais espaço para uma programação da política interna do País."

A proposta de Diniz é de uma renegociação por um período mais amplo de três a cinco anos. Durante entrevista à imprensa, em Porto Alegre, ele afirmou que o Brasil, nas tratativas de renegociação da dívida externa, "tem sido modesto demais no pedir", tendo condições para exigir um programa de pagamento bem menos apertado. Com mais folga no pagamento de suas contas externas, segundo ele, o País deve partir para uma retomada moderada do desenvolvimento.

"Temos de tratar de desenvolver o mercado inter-

no, que representa 92% do Produto Interno Bruto (PIB), e com tecnologia e produção viabilizar as nossas exportações, que representam apenas 8% do PIB." Sem mercado internacional desenvolvido ele acha difícil obter-se eficiência nas exportações. "O Brasil difere da Coréia e de Formosa, que são verdadeiras plataformas de exportação." Diniz comentou para este jornal não acreditar que a receita de tratamento de choque proposta por Simonsen para conter a recessão seja parecida com a defendida pelo professor Octavio Gouvêa de Bulhões. "Um corte drástico nos subsídios como deseja o ex-ministro Bulhões quebra o País no dia se-

guinte", ponderou, complementando logo depois: "Se bem conheço as idéias de Simonsen, esta não é a sua receita". Ele argumentou ainda que Bulhões não aplicou uma política de choque tão radical quanto a que propõe nem mesmo quando exerceu o cargo de ministro.

Diniz refutou ainda todas as projeções pessimistas feitas recentemente pela Business Week sobre dificuldades em fechar o balanço de pagamentos, uma nova maxidesvalorização do cruzeiro em junho, moratória antes do final do ano e queda do presidente Figueiredo. "Trata-se de terrorismo econômico, pois remanejar uma dívida não significa moratória."